ROMEU CORREIA

A ROSA DO ADRO

Drama em 3 actos e 1 réquiem

Nova adaptação do romance de Manuem Maria Rodrigues

F I G U R A S:

Rosa do Adro .....
Fernando .....
António .....
Padre Francisco .....
José da Costa .....
Deolinda .....
Baronesa .....
Custódia .....
Zefa .....
Maria do Céu .....
Criada .....

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 17 ANOS

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
SECRETARIADO NACIONAL DE INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO
S. R.
EXAME E CLASSIFICAÇÃO DE ESPECTÁCULOS
N. Título A Rosa do Adro
S. Registo 9165 de 19/12/70
F. Examinado 7/2/71
Z. para Rafael de Oliveira
C. Decisão Aprovada
ÇÃO DOS ESPECT

Camponeses e Camponesas

No Minho - 1900

Encenação de _____

Cenários de _____

Sonoplastia de _____

Luminotecnia de _____

Doação Rafael Oliveira (Março 2007)

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

ROMEU CORREIA

A ROSA DO ADRO

Drama em 3 actos e 1 réquiem

Nova adaptação

Rosa
Fern
Antó
Padr
José
Deol
Baro
Cust
Zefa
Mari
Cria

S. R.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

DIRECÇÃO-GERAL DA CULTURA POPULAR E ESPECTÁCULOS

Direcção dos Serviços de Espectáculos

LICENÇA DE REPRESENTAÇÃO

A RAFAEL DE OLIVEIRA

com sede em SANTAREM

fica autorizada a fazer representar no território português a seguinte peça teatral:

Título A ROSA DO ADRO

Género Drama

Original Manuel Maria Rodrigues

Actos 3 Quadros

Tradutor

Adaptador Romeu Correia

que foi registada na Direcção dos Serviços de Espectáculos sob o n.º 9165 e classificada pela Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos como

ESPECTÁCULO PARA ADULTOS

(maiores de 17 anos)

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1971

Pel O Director dos Serviços de Espectáculos,

10$00 PORTUGAL DEZ ESCUDOS

Manuel Henriques da

Chefe da Repartição do Expediente

Encenaçã
Cenários
Sonoplas
Luminotecnia de

Doação Nacional
Oliveira (Março 2009)

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

1º. ACTO

1º. Quadro

Ao fundo, um telão com a vista da aldeia. Ambiente minhoto: pequeno casario e verdura. (Este telão aparece mais vezes, servindo de fundo--ambiente ao biombo-cenário cuja acção decorre na aldeia). Ao entar-decer de um dia primaveril. A passarada recolhe às arvores e chilreia. A D.F., a casa de Rosa: porta, janela e telhadinho vermelho. A costu-reira, bela aldeã, que vive na companhia da avó, trabalha ainda; de quando em quando assoma à porta ou à janela e sacode a peça de roupa que costura. Camponeses regressam da faina agrícola, e saúdam-na...

- - - - - -

1ª. CENA

ROSA e CAMPONESES (1)

1º.CAMPONÊS

Deus te salve, Rosa!

Rosa

Que Deus lhe ponha a virtude, Tio Serafim!

(Momentos depois, enquanto Rosa trauteia uma canção).

1ª. Camponesa

Adeus, Rosa! Ainda a dares ao dedo, rapariga?...

Rosa

É verdade! Vocês largaram já e eu ainda começo!...

1ª. Camponesa

Por isso tens boas libras ao canto da arca!...

Rosa (divertida):

Tudo quanto amealho é comido pelos ratos, Tia Brízida?

1ª. Camponesa

Chora-te, Rosinha, chora-te!...

Rosa (canta, dentro de casa):

Quem me dera amar um dia,
Ter amor, ter afeição,
Ser escrava, dar a vida
Por um terno coração.

(Outra quadra, se for precisa):

Se eu tivesse um peito amigo
Que me desse um tal amor...
Eu, então, igual afecto
Em seu peito ia depor.

2ª. Cena

José da Costa, Fernando e ainda a Voz de Rosa

José da Costa (colocando, bonachirão, o braço sobre o ombro do filho, na continuação de um diálogo):

Anda lá, meu tratante, que me estás por um bom par de moedas! Ainda assim, louvado Deus, não tens sido dos piores, não, porque enfim SEmpre estudaste e aproveitaste o tempo... Quanto ao mais, vocês são rapazes, gostam de botar figura e de estroinar... E verdade verdade, eu na vossa idade fazia o mesmo. Mas vamos lá, não tens sido dos piores... Para o ano, se Deus quiser, já teremos um cirurgião cá na aldeia, não é verdade?

Fernando (absorvido pela voz de Rosa, volta à realidade):

Assim o creio, meu pai. Para o ano termino o curso, e então já terá um filho médico-cirurgião.

José da Costa (boçal, joga-lhe uma palmada nas costas):

Eh, eh, eh! um médico-cirurgião, dizes tu!... Diz antes um mata-gente!...

Fernando

Oh, meu pai...!

José da Costa

A propósito: tu já serás capaz de dar um remédio para um doente lá de casa?

Fernando

Temos alguém doente lá em casa? Quem, meu pai?

José da Costa

Descança, homem, que não é nenhuma alma cristã. Trata-se da nossa égua preta, que deu há dias um tropeção e ficou com uma perna manca Já a levei ao ferrador, mas o diabo tanto lhe fez como nada. (O filho solta uma gargalhada) Tu de que ris?

Fernando

Pois o pai mandou-me aprender a curar gente, ou burros?

José da Costa (atabalhoado).

Não julguei que houvesse a menor ofensa no meu pedido...

(A voz de Rosa ganha maior nitidez a trautear a canção).

Fernando (rindo ainda):

É com efeito um belo elogio à minha ciência: querer fazer de um médico-cirurgião um alveitar!...

José da Costa

Está bom, homem, fico entendendo!...

Fernando

No entanto, vamos lá ver a égua por ser coisa lá de casa, mas fique sabendo que eu não estudo há oito anos para curar bestas! (Preso à voz melodiosa da costureira, o estudante denuncia muito interesse)

José da Costa (surpreendendo-o):

Que foi? Em que estás a pensar, Fernando?

Fernando

Nada, meu pai. É a voz de Rosa...

José da Costa (com os olhos no filho):

Está espigadota, está... E bonita que se farta, a moça...!

Fernando

Chamam-lhe a Rosa do Adro. Não há outra na aldeia mais bonita e atraente.

José da Costa (sério):

É verdade que vocês trocam umas palavras?

Fernando

O pai bem sabe que conheço a Rosa desde criança. Brincámos muitas vezes no adro...

José da Costa

Não é isso... O que se besoira por aí, não é que a conheces...! Claro que todos, na aldeia, conhecem a Rosa!... Olha a história! As más línguas começaram já a tecer a meada, e é o diabo: que andas a encher a cabeça da rapariga de ideias loucas... que lhe prometes coisas que n não podes cumprir... e mais isto e mais aquilo...! Entendes, não é verdade?

Fernando

É uma falsidade, meu pai. Juro-lhe que...!

José da Costa

Não jures nada. Olha: fazes-me uma coisa?... Deixa em paz a pobre rapariga e tapa assim a boca a essas línguas danadas.

Fernando

Mas eu é que não tenho nada, absolutamente nada, com o que dizem...

José da Costa (às boas):

Deixa a cachopo sossegada e não faças por aí alguma das tuas. Para mais a rapariga andava... ou anda ainda, toda voltada para o António do Padre...

Fernando

Isso é mentira, meu pai!

José da Costa

Que sabes tu o que se passa na aldeia, uma vez que todo o tempo vives a estudar no Porto?... Esquece isso. Mulheres não faltam, e esta não é da tua condição... (Saem, dialogando)

3ª. CENA

Rosa e Maria do Céu

Maria do Céu (rapariga de 20 anos, que não é formosa, mas muito amiga e confidente da costureira): Rosa! Rosa! (Bate à porta): Sou eu: a Maria do Céu...

Rosa (aparecendo à porta):

Ah, és tu... Olha que não tive tempo para acabar a tua blusa.

Maria do Céu

Descansa que não vim pela blusa. Sabes quem esteve aqui no largo a falar com o pai? Adivinha.

Rosa (radiante):

O Fernandinho!

Maria do Céu

Vinham de conversa, e pararam aqui.

Rosa

Há quanto tempo?

Maria do Céu

Há migalho.

Rosa

Não os vi... (curiosa) Não sabes de que falavam?

Maria do Céu

Estive ali à esquina a escutar, mas não ouvi o teu nome. Falavam numa égua doente... segundo entendi.

Rosa

Queres entrar? (Entram em casa de Rosa)

4ª. CENA

Custódia e Zefa

(Custódia e Zefa, duas aldeãs de 50 e tal anos, coscuvilheiras, cruzam-se no caminho, e ratam na vida alheia. Vestidas de escuro, embiocadas, parecem dois corvos).

Custódia

Que me diz a esta pouca vergonha, comadre?

Zefa

Qual pouca vergonha? Há tanta por aí...

Custódia

Ora, ora... não se faça de novas: a Rosinha... Não me diga que não sabe das suas falas com o Fernandinho, o filho do José da Costa!...

Zefa

Coitada! Está bem servida!... A parva acreditou que o rapaz a quer para alguma coisa, nem que ele não tivesse melhores caras, nem raparigas ricas...

Custódia

E o que é certo é que a delambida anda já tão emproada, que não dá palavra a ninguém: parece até fugir da gente!... O filho do maior lavrador da aldeia estava a fazer-se doutor, no Porto, para cair-lhe nas unhas!... (Gargalhadas escarninhas). Há cada cèguinha neste mundo!

Zefa

O mal é dela!... Porque, segundo dizem, ela está a arder de paixão louca!...

Custódia

Ora, ora... Essa paixão louca é espicaçada pela ganância. O filho do José da Costa é rico, e dentro em pouco terá uma linda posição.

Zefa

Talvez, comadre. Mas o demo tece-as. Há quem diga que por detrás da formosura está sempre o mafarrico! Isto são coisas que eu tenho até medo tocar-lhes...

Custódia

Subiu-lhe à cabeça a vaidade, foi o que foi! Os moços da lavoura já não lhe serviam... Um morgado rico, e além disso para o ano sai doutor... não é para desprezar!...

Zefa (solene):

Comadre, lembre-se de que uma desgraça nunca vem só!... E há mais, muito mais!...

Custódia (coça a cabeça):

Credo! Que enredos, que mistérios!...

Zefa (olha para um lado e para o outro):

Juro-lhe de que tenho medo de falar sobre estas coisas! (Persigna-se) Que Deus nos defenda!...

Custódia

Desabate! Eu sou de confiança! A comadre não me conhece há dois dias!...

Zefa (ao ouvido da outra):

Já reparou no António?

Custódia

No António...?

Zefa

No António do Padre, no antigo conversado da Rosa. (Aponta a casa da costureira). O desgraçadinho parece uma alma penada! Desde que este falatório rebentou na aldeia, o mocinho começou a definhar, a definhar... Não parece o mesmo. A bizarria dos moços cá da terra, transformou-se naquela alma penada. Aqui anda grosso trabalhar de bruxas ou feitiços! (Benzem-se). Nem que me pisem a pés, eu arredo da minha opinião!... (Ao ver aproximar-se o Padre Francisco, cala-se). Cala-te boca; vem aí o padrinho dele!... (Disfarçam, olhando para os astros) Este tempo sabe bem, mas azeda os trabalhos no campo!...

5ª. CENA

Custdia, Zefa e Padre Francisco

Custódia e Zefa, muito santinhas, agachando a cabeça junto do sacerdote): A sua benção, Padre Francisco

Padre Francisco (Dá a benção):

Deus seja convosco, minhas filhas! (Malicioso): As duas... neste largo e a esta hora?...